

Acervo Artístico do NovoMuseu/MON: tabus, estratégias e parcerias

Adriana Vaz ¹

Resumo: Este artigo trata do acervo artístico do NovoMuseu/MON. Metodologicamente, foi dividido em três partes: a origem do acervo, as obras adquiridas de 2003 a 2010 e a reciprocidade entre as exposições temporárias e o acervo permanente. Adotam-se como referenciais teóricos Canclini e Debord. Conclui-se que, independente da relevância desse museu para Curitiba/PR, o investimento na produção de artistas paranaenses que caracterizava seu acervo inicial não foi priorizado e as políticas de aquisição do Estado ainda são incipientes.

Palavras-chave: museu, público, arte paranaense, processos de hibridação.

Abstract: This article deals with the NovoMuseu/MON art collection. Methodologically, it was divided into three parts: the origin of the collection, work of arts acquired from 2003 to 2010 and reciprocity among the permanent collection and temporary exhibitions. The theoretical references adopted are Canclini and Debord. The conclusion was that regardless the relevance of this museum to Curitiba/PR, the investment in the production of Paraná's artists, a feature of its initial collection, was not prioritized and the procurement policies of the state are still incipient.

Keywords: museum, public, paranaense art, hybridization processes

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Expressão Gráfica da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Adriana.vaz@ufpr.br

O NovoMuseu, rebatizado de Museu Oscar Niemeyer a partir de junho de 2003, marca a gestão dos governadores Jaime Lerner e Roberto Requião. Lerner inaugura a edificação em novembro de 2002, sendo que as exposições permanecem abertas para visitação até março de 2003. Após a eleição para governador do Estado do Paraná, Requião fica responsável pelo complexo e o administra indiretamente até dezembro de 2010, assim quem assume a presidência da OSCIP e organiza a agenda cultural do MON é sua esposa Maristela Requião, que também responde pelo cargo de Secretária Especial do Estado do Paraná para assuntos relacionados ao museu.

O acervo do NovoMuseu tem sua origem na coleção do antigo BANESTADO fechado em 2001, no extinto Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. (BADEP) e, principalmente, nas obras do Museu de Arte do Paraná (MAP). Especificamente em relação ao acervo, inicialmente, discute-se os artistas e a quantidade de obras proveniente de cada instituição e que parcela representa o investimento do Estado na aquisição de obras, nessa fase inicial de conversão de um patrimônio público para uma instituição privada. Na sequência, aborda-se o perfil das primeiras obras adquiridas pelo MON e as demais produções que passam a integrar o acervo em seus oito primeiros anos de atividade. Além de identificar o tipo de produção imagética do MON, o objetivo deste artigo é elucidar quem são seus parceiros culturais durante a gestão de Roberto Requião, bem como, a forma de aquisição de obras adotada pela instituição.

De antemão, destaca-se a importância do acervo artístico como condicionante para que o NovoMuseu adquirisse a conotação de museu, na estratégia política de remanejamento de um museu oficial do Estado, que ao ser extinto, modifica também sua gestão jurídica. O MAP era vinculado à Coordenação do Sistema Estadual de Museus (COSEM) e gerenciado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC/PR). Com o seu fechamento, o modelo jurídico do NovoMuseu se enquadra na categoria de OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), assim, entende-se a estreita relação do mercado de bens simbólicos com o campo político e econômico, visto que o NovoMuseu/MON rompe com o modelo de gestão administrativa adotada por outras instituições museológicas no Paraná.

Acervo de origem do NovoMuseu/MON: MAP, BANESTADO E BADEP

A relação de obras do Museu de Arte do Paraná e que hoje compõem a primeira parte do acervo do MON², permite verificar as informações sobre o artista e a obra³, e, ainda, como o acervo foi constituído institucionalmente, analisar-se a incorporação, a procedência e a entrada⁴. Das seis modalidades de incorporação – por aquisição, doação, comodato, empréstimo, transferência e sob guarda⁵ –, o investimento efetivo por parte do Estado ocorre apenas em obras por aquisição, o que denuncia a fragilidade das políticas de incentivo à cultura no Paraná, nessa fase inicial de constituição de um museu para representar a produção local.

As obras provenientes de aquisição datam do período entre 1988 e 1995, tendo como intermediários culturais os artistas e seus familiares, as galerias de arte como Pall Lajos e Uffizi, a Lei Sarney e colecionadores. Na incorporação por aquisição, destaca-se a compra de dezenove obras do artista Nilo Previdi, tendo como mediadora Iara Previdi Dotaf.

Por doação, das 55 ocorrências, a maioria foi obtida mediante contribuição de artistas que repassaram ao museu suas próprias obras, a exemplo de Ennio Marques Ferreira, artista e colecionador, que cedeu ao MAP 24 obras de artistas distintos e 53 obras de sua autoria. Calderari, reconhecido por sua produção de arte abstrata na década de 1960, também contribuiu com 31 obras produzidas por ele no ano de 2000, na técnica gravura em metal sobre papel. Exemplificando as doações realizadas pelos parentes dos artistas, o acervo somou 266 obras do escultor e desenhista Jefferson César, na categoria desenho, cedidas por sua esposa Lydia Cezar. A Siemens, via Lei Municipal de Incentivo, repassou ao museu 23 obras de Bruno Lechowski, há ainda outros casos, como o de Fernando Carneiro, que deixou 23 obras em seu testamento.

Por comodato, dos doze casos, a maior quantidade tem como procedência Nestor Stenzel, sendo duas obras de João Turin e 81 delas de Erbo Stenzel, seu irmão. Ainda nessa categoria há doze obras do antigo acervo BADEP, outras duas do BANESTADO e

² Os dados foram coletados junto ao Setor de Pesquisa e Documentação do MAC/PR, visto que os mesmos não foram disponibilizados pelo MON.

³ Indicação do artista, título das obras, data de execução da obra, categoria, técnica, suporte e dimensão.

⁴ Data em que a obra passa a pertencer ao acervo.

⁵ (VAZ, 2011, p.107).

uma da FUNDEPAR. Além de obras de artistas como Fernando Velloso, Wilson Andrade Silva, entre outros.

A categoria transferência – subdividida em definitiva ou não – indica as primeiras obras que compõem o acervo do MAP, o que coincide com o ano de inauguração do museu em 1987. Os órgãos envolvidos foram: Palácio Iguazu, Procuradoria Geral da Justiça, Secretaria de Segurança Pública, Secretaria dos Transportes, Secretaria da Educação, Secretaria do Planejamento, Secretaria do Interior, Secretaria da Agricultura, Secretaria das Finanças, Secretaria de Estado da Cultura. Entre os museus envolvidos estavam o MAC/PR e Museu Alfredo Andersen, além da Biblioteca Pública do Paraná e da CELEPAR – incluindo artistas acadêmicos e modernos, desde Alfredo Andersen até a geração da década de 1960, num total de 95 obras. Provenientes da Biblioteca Pública foram 23 obras do suíço Guilherme W. Michaud, além de obras de artistas como Miguel Bakun, Poty Lazzarotto, Estanislau Traple, sendo que em sua maioria, cada órgão disponibilizou de uma a seis obras de artistas diversos.

Três obras emprestadas ao MAP eram do Museu Paranaense, uma de Andersen e outras duas de Maria Amélia Assumpção. Já as obras da artista Helena Wong estavam aos cuidados de sua irmã Show-wen Allegretti. Sob guarda estão obras também do Museu Paranaense, da Biblioteca Pública do Paraná e da Família Stenzel, além de uma obra de Viaro proveniente da SUCEAM e outra de João Ghelfi, propriedade de Fernando Bini.

Contudo, percebe-se que o investimento na aquisição de obras de artes para compor o MAP foi na sua maioria proveniente de doações, que representam 66,5% das 1.124 obras listadas. Dentre as outras categorias analisadas, somente a transferência definitiva garante que as obras continuem incorporadas à instituição, independente de quem a administre, pois a transferência provisória, o comodato, sob guarda ou empréstimo são acordos temporários entre os proprietários e o museu.

Além do MAP, as outras duas instituições que compoem o acervo inicial do NovoMuseu/MON incluem obras do BANESTADO e do BADEP. O acervo do Banco do Estado do Paraná S.A. (BANESTADO), com base no levantamento feito em 28 de outubro de 1993 pelo MAC/PR, totalizava 721 obras⁶ – embora sua coleção seja considerada

⁶ Segundo o MON, 900 obras foram originárias do BANESTADO. In: (HERKENHOFF, 2008, p.49).

diversificada, com poucas obras representativas, uma vez que parte do acervo foi constituída como pagamento de dívidas. Com a privatização do BANESTADO, o acervo foi repassado para o Banco Itaú e este, posteriormente, o transferiu para o Governo do Estado. Segundo Ennio Marques Ferreira, diretor da Casa Andrade Muricy (CAM), em 2002, espaço que vinculou a mostra sobre o antigo acervo do BANESTADO, ele mesmo realizou a curadoria mencionando o montante total de 75 artistas e 800 obras pertencentes a essa coleção, que iriam compor a Pinacoteca do Estado do Paraná, denominação dada inicialmente ao NovoMuseu. Em parte, a quantidade de obras divulgadas pela CAM coincide com os dados fornecidos pelo MAC/PR, porém a quantidade de artistas, não.

O BANESTADO atuava como intermediário cultural numa época em que Curitiba tinha poucos espaços museológicos e se destacava por incentivar artistas no início de carreira. Tanto é assim, que promovia o Salão Banestado de Artistas Inéditos (SBAI), criado em 1983, por Francisco Souto Neto⁷. Os prêmios dos salões não eram do tipo aquisição e sim, um incentivo monetário para artistas iniciantes que não haviam realizado exposições individuais e nem tinham sido premiados em concursos oficiais ou de iniciativa privada. Também eram realizadas exposições de arte em sua galeria, com sede em Curitiba e Londrina. Em 1984, a Galeria de Arte Banestado inicia suas atividades em Curitiba e após 1995 passa a denominar-se Espaço Cultural Banestado.

As 88 obras do BADEP⁸ compõem a terceira parte do acervo do MON, representando 32 artistas. As obras dos artistas Bia Wouk, Conceição Piló, Jader de Siqueira, Luiz Fernando Voges Barth, Maria José Boaventura, Esmanhoto, Tancredo de Araujo e uma das obras de Fernando Calderari foram obras provenientes de prêmios aquisições, vinculadas aos Salões Paranaenses. A obra do artista José Alberto Nemer resultou de prêmio aquisição da 4ª Mostra do Desenho Brasileiro e uma das obras de Guido Viaro foi doada por Constantino Viaro, filho do artista. Do restante das obras não se conhece a modalidade

⁷ O último salão noticiado data de 05 de dezembro de 1997. Faziam parte da comissão julgadora do XIII SBAI: Alfi Vivern, Estela Sandrini e Fernando Bini.

⁸ Sua atuação remete a 1962, quando surge a Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná (CODEPAR), instituição criada para administrar os recursos do Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), frente ao poder público. Em 1968, ao ser instituído o Sistema Nacional de Bancos de Desenvolvimento, com base nas diretrizes da Resolução nº 93 do Banco Central, a CODEPAR mudou seus estatutos e sua razão social para Banco de Desenvolvimento do Paraná S.A. (BADEP).

de aquisição. O BADEP era responsável pela publicação "Panorama da Arte no Paraná", editada em quatro volumes de 1975 a 1977 sob a coordenação de Domício Pedroso, bem como, por outras publicações sobre arte paranaense. As primeiras exposições realizadas no banco aconteceram em setembro de 1973, vinculadas ao Salão de Exposições do BADEP e as últimas datam de 1984.

Em síntese, o acervo inicial do MON tem 284 artistas e 1.933 obras⁹. Desses artistas, ao avaliar-se o grau de importância, destacam-se aqueles com obras tanto no MAP, quanto no BANESTADO e BADEP, que são Álvaro Borges (12 obras), Domício Pedroso (9 obras), Calderari (118 obras), Fernando Velloso (6 obras), Luiz Carlos de Andrade e Lima (13 obras), Nilo Previdi (29 obras), Poty (17 obras), Esmanhoto (6 obras) e De Bona (23 obras).

Outro modo de mensurar a importância do artista é a quantidade de obras no acervo. A maioria dos artistas apresenta entre uma e dez obras, sendo assim dá-se destaque aos artistas com mais de dez obras, distribuídos por instituições. No primeiro grupo, os artistas vinculados apenas a uma das três instituições, com obras no MAP, que são Bem Ami Voloch (37 obras), Bruno Lechowski (24 obras), Ennio Marques Ferreira (53 obras), Erbo Stenzel (185 obras), Irene Rolek (12 obras), Jefferson Cesar (266 obras), João Zaco Paraná (17 obras), Guilherme Michaud (23 obras) e Ricardo Kock (46 obras); com obras no BANESTADO tem-se Andréa de Paula Soares (11 obras), Antonio Macedo (16 obras), Carlos Erick Araujo (65 obras), Elton D'Almeida (12 obras), Teresa Koch Cavalcanti (20 obras) e Tadaschi Ikoma (37 obras) e com obras no BADEP Sergio Telles (17 obras).

No segundo grupo estão os artistas associados a duas instituições. No MAP e BANESTADO, Euro Brandão (46 obras), Helena Wong (56 obras), Ida Hannemann de Campos (36 obras), João Osório Brzezinski (19 obras), Wilson de Andrade e Silva (13 obras) e ainda, Osmar Chromiec com obras no BANESTADO e BADEP (30 obras) e Viaro com obras no MAP e BADEP (30 obras).

Ao considerar o modo como as obras foram adquiridas, apenas o Museu de Arte do Paraná estabelecia esse tipo de critério, predominando obras por doação (748 obras/71 artistas) em oposição as obras por aquisição (39 obras/16 artistas). No BADEP, por

⁹ (VAZ, 2011, p. 109).

exemplo, em que o número de artistas e obras era menor, algumas das obras eram prêmios aquisições do Salão Paranaense, a atuação do banco na área cultural marca o período entre 1973 a 1982. No BANESTADO, do total de 199 artistas, 157 deles não possuem obras no MAP e no BADEP. As atividades relacionadas às artes incluíam os salões e a Galeria de Arte Banestado durante o período de 1983 a 1996.

Conclui-se que a maioria do acervo artístico que compõem o NovoMuseu/MON é proveniente do MAP e que o investimento por parte do Estado no fomento cultural foi pequeno, tendo como base os modos de aquisição adotados até então. Em particular em relação ao MON, objeto de pesquisa do doutorado, constatou-se uma certa resistência da instituição em fornecer informações pertinentes ao plano curatorial, à constituição imagética do acervo e ao planejamento das exposições. O que em parte conduz ao entendimento do motivo pelo qual as fontes referentes à produção inicial do acervo foram coletadas em outros centros de pesquisa e não no próprio museu.

Exposições temporárias e as novas aquisições do acervo permanente do MON (2003-2010)

Na gestão de Maristela Requião, muitas das obras que integravam o acervo do MON eram provenientes das exposições realizadas pelos artistas no museu. Ciente da reciprocidade entre o acervo permanente e as exposições temporárias, compreende-se que o tipo de produção exposta também retrata o perfil do acervo adquirido pelo museu no período de 2003 a 2010. Se antes o acervo servia de base para classificar o museu – acadêmico, moderno, contemporâneo – na atualidade, o acervo e as exposições são as principais estratégias articuladas pelas instituições museológicas ao se colocar como um espaço de produção e difusão de conhecimento em sua relação com o público. O museu como um espaço comunicacional, social e, especificamente em relação ao MON, espetacular.

Assim, ao apresentar as exposições realizadas na reabertura do museu é que se esclarece a importância do acervo para a instituição, pois na ausência de exposições temporárias são essas obras que simbolizam a sua produção artística. Das 14 exposições que marcaram a reabertura do MON, exibiu-se ao visitante, além de mostras internacionais e nacionais, seis delas com obras pertencentes ao acervo da instituição. Analisando o título dessas exposições permanentes, não há relação direta entre a exposição e o acervo –

diferente das mostras posteriores a outubro de 2004. Com base na nomenclatura estabelecida pelo museu, as exposições se dividem em oficiais, paralelas e itinerantes, quanto à relevância são internacionais e nacionais, logo, a produção do acervo é classificada como uma mostra nacional.

Dentre as mostras do acervo, uma delas é de Osmar Chromiec, em que o pôster de divulgação apresenta duas obras abstratas originárias do BANESTADO, sem nenhuma referência pessoal ao artista ou dados sobre a exposição, o público lê o depoimento de Chromiec que discorre sobre seu processo criativo.

Minha pintura tem muito a ver com o meio em que vivo... A inspiração creio que seja inconsciente... A cor depende do estado de espírito. Quando comecei usava branco e o preto, foram as cores que mais chamaram a minha atenção. Alguns anos depois é que fui introduzindo novas cores... Apesar do meu trabalho ser concreto, abstrato, as cores dizem muito do ambiente em que vivo, isto é, árvores, sol, água e céu (natureza).¹⁰

As outras três mostras do acervo abordavam temas tradicionais na linguagem da pintura: natureza-morta, paisagem e retrato, a exemplo do retrato de Alfredo Andersen, de 1933, pintado por Inocência Falce e do retrato de Maria Amélia D'Assumpção, de 1924, feito por Alfredo Andersen, ambas as obras pertenciam ao MAP, sendo que o MON era responsável pela organização e pela curadoria¹¹.

No início, o MON se dedica aos artistas já consagrados no meio artístico paranaense, pois nomes como Andersen, Turin, Viaro, Leonor Botteri, entre outros, circulam entre as três mostras do acervo inauguradas em setembro de 2003. Alguns dos catálogos editados pelo MON, referentes ao projeto "Artistas Paranaenses", mencionam os mesmos artistas já publicados em função das exposições realizadas pelo MAP, entre 1988 a 1996.

O tabu sobre como foi constituído o acervo inicial do MON¹² e a maneira de divulgar as mostras de reinauguração, revelam que desde o início o museu tinha o intuito de

¹⁰ MON. *Chromiec*. Curitiba, set. 2003. Pôster de exposição.

¹¹ O plano de divulgação engloba convites, pôsteres, catálogos e a revista do museu, embora nessa etapa inicial a produção dos catálogos ainda esteja restrita, assim como também os patrocinadores. As curadorias são realizadas por Suely Deschermayer e Solange Rosenmann, responsáveis pelo acervo e pelo educativo, respectivamente.

¹² A maior parte do acervo inicial é originária do MAP, porém o MON divulga a existência de apenas 300 obras provenientes desse fundo. In: (HERKENHOFF, 2008, p.49).

projetar-se nacionalmente – discussão a ser retomada a seguir em função do tipo de exposição priorizada pelo museu. Outro fato que comprova essa hipótese, é de que a gestão cultural do MON seguia modelos empresariais, logo as questões relativas à produção artística eram terceirizadas e não dependiam necessariamente da elite cultural atuante no Paraná.¹³

Exceto as obras provenientes de doação dos artistas que expuseram no MON, uma pequena parcela foi adquirida via Lei Rouanet e que resultou na mostra intitulada: "Aquisições Museu Oscar Niemeyer: do romântico ao moderno"¹⁴. Tendo como fonte o catálogo dessa mostra, o MON divulga sob sua tutela 1.850 obras, entre esculturas, pinturas, desenhos, fotografias e objetos. Porém, pelos últimos levantamentos realizados o acervo totaliza 2.585 obras, ou seja, de 2003 a 2010 foram incorporadas as produções de 89 artistas num total de 652 obras, entre artistas locais, nacionais e internacionais¹⁵.

Já que persiste de uma gestão para outra a resistência do MON em esclarecer a política de aquisição instituída por ele, o tópico a seguir trata do perfil dessa produção, com base em dois critérios: a nacionalidade do artista e o tipo de linguagem artística. Quanto à nacionalidade, a produção engloba artistas locais, nacionais e internacionais e quanto à linguagem, inclui pintura, escultura, gravura, desenho, entre outras.

Analisando o quadro 1, abaixo, destacam-se os artistas nacionais e locais, o que difere do acervo de origem, que compreendia predominantemente uma produção paranaense. O MON não adota uma única linguagem artística ou recorte temporal. De acordo com o tipo de linguagem que passa a compor seu acervo, o MON se lança como um museu de abrangência nacional, com ênfase na produção de arte moderna.

¹³ Na tese analisou-se quem eram os agentes que faziam parte da OSCIP e da estrutura administrativa do MON (VAZ, 2011, p. 147-161).

¹⁴ Nessa mostra foi adquirido um total de dezenove obras, de 18 artistas. O perfil das obras atende à produção local e nacional. A mostra permaneceu em cartaz de fevereiro a setembro de 2007, sendo exibida em três períodos distintos.

¹⁵ Essas informações foram disponibilizadas em 14 de abril de 2011. Na ocasião, a diretora do museu era Estela Sandrini. Embora o "NovoMON" reprove a falta de diálogo da gestão anterior (2003/2010), essa conduta se manteve, pois os critérios de aquisição adotados pelo MON não foram esclarecidos. A lista completa dos artistas e a quantidade de obras podem ser consultadas no quadro A.1.1. In: (VAZ, 2011, p. 375-377).

PRODUÇÃO	LOCAIS	NACIONAIS	INTERNACIONAIS	TOTAL
N.o artistas	34	41	14	89
N.o obras	354	254	44	652
QUANTIDADE DE OBRAS POR LINGUAGEM				
Gravura	231	115	2	348
Pintura	83	48	10	141
Fotografia	9	25	29	63
Objeto	-	38	-	38
Desenho	20	11	2	33
Escultura	11	17	1	29

QUADRO 1 - QUANTIDADE DE ARTISTAS E OBRAS - ACERVO MON (2003-2010).

FONTE: Museu Oscar Niemeyer (abr. 2011)

Dentre os artistas nacionais, a maior diversidade de obras representa a linguagem de pintura, em que se pode citar Ado Malagoli, Ianelli, Cícero Dias, Daniel Senise, Di Cavalcanti, Djanira, Iberê Camargo, Pancetti, Siron Franco, Vicente do Rego Monteiro, entre outros. Em quantidade, a aquisição maior foi de gravuras, com obras de André Miranda, Gilvan Samico, Maria Bonomi, Niobe Xandó e evidência para 55 obras de Rossini Perez e 36 obras de Sérgio Fingermaun.

Como representante da produção local durante a gestão de Maristela Requião, o MON agrega obras de artistas que já faziam parte do acervo como Andersen, Arthur Nisio, Cláudio Cambé, De Bona, Domício Pedroso, Dulce Osinski, Ennio Marques Ferreira, Erbo Stenzel, Estanislau Traple, Estela Sandrini, Franco Giglio, Garfunkel, Viaro, Guilherme W. Michaud, Helena Wong, Bakun, Mário Rubinski, Luiz Carlos de Andrade Lima e Vicente Jair Mendes. Além de outros, cujo reconhecimento artístico ocorreu na década de 1980, a exemplo de Elizabeth Titton, Jussara Age, Rettamozzo, Uiara Bartira; e, os mais recentes como Alfi Vivern, Francisco Faria, José Antonio de Lima, Luiz Carlos Brugnera, Marcelo Conrado, Orlando Azevedo. Em quantidade de obras, destacam-se a linguagem de gravura e os artistas Domício Pedroso, Estela Sandrini e Uiara Bartira, que contribuiu em 2008, com um montante de 225 obras. Porém, em relação à produção local, do total de

artistas citados, 18 trabalham com pintura, sendo que, a linguagem de escultura¹⁶ foi a que teve o menor número de obras adquiridas pelo museu.

Na produção internacional, em quantidade de obras, a ênfase recai sobre a produção de fotografia com Martín Chambi e Patrícia Parinejad; já em variedade, a prioridade também é a pintura, com obras de Carlos Allonso, Carlos Colombino, Joaquín Torres Garcia e Julio Quaresma.

Narrativas escolhidas: o MON como um museu híbrido e espetacular

A partir da década de 1980, os museus são vivenciados como lugares públicos com afluência maciça, que simbolizam a cidade contemporânea, sendo que a arquitetura contribui para tal significação. De um lado, associam arte e comércio, pois os museus oferecem diferentes tipos de consumo, e, de outro, os de inclinação mais social, acolhem o público, desenvolvendo, concomitantemente, atividades culturais e recreativas, bens ofertados pela cidade que os colocam como cidadãos com direitos e deveres iguais.

Ambas as transformações – o museu ativo e integrado ao consumo e a relação do museu com a cidade e a sociedade – comportaram uma total mutação tipológica: de organização estática o museu passou a ser um lugar em contínua transformação, com princípios sempre relativos e revisáveis e uma multiplicidade de modelos e formas que têm muito a ver com o caráter poliédrico e multicultural do século XXI.¹⁷

Os museus como espaços híbridos, adotam aparência de *shopping centers* culturais com lojas, livrarias, restaurantes, cinemas, entre outros, porém não se pode esquecer de sua natureza e das coleções vinculadas a eles. Essa variedade de serviços se caracteriza como uma das estratégias que fazem do MON não apenas um espaço educacional, mas de lazer e que com isso, atende ao público em geral.

O termo híbrido ou hibridação¹⁸ também simboliza o uso dado ao MON pelo público, a mistura entre o poder público e o privado que caracteriza sua gestão jurídica, o modelo

¹⁶ Entre os artistas locais, tem-se Alfi Virven (08 obras), Elizabeth Tilton (01 obra), Erbo Stenzel (01 obra), Luiz Carlos de Andrade Lima (01 obra).

¹⁷ (MONTANER, 2003, p.150-151).

¹⁸ Canclini (2008, p. xix), em sua primeira definição, entende "por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas".

arquitetônico que é ressignificado com a construção do anexo “o Olho”, bem como, a diversidade de exposições ofertadas. Das 168 mostras realizadas no MON¹⁹, classificadas quanto à relevância em Internacional (46 mostras), Nacional (69 mostras), Niemeyer (3 mostras), Local (28 mostras) e Acervo (22 mostras), poucos foram os artistas de Curitiba ou do Paraná que expuseram no museu, sem incluir a parceria com instituições e familiares, cuja produção já pertencia ao acervo²⁰. Relacionados às artes visuais e com produções mais recentes, pode-se citar André Malinski (Grupo Anilina), Eliane Prolik, Elizabeth Tilton, Francisco Faria, José Antonio de Lima, Luís Carlos Brugnara e Sônia Gutierrez; com produção de cunho histórico e sobre arquitetura, pode-se citar Artigas, David Carneiro e Reinhard Maack.

Averiguando a categorização das exposições adotada pelo museu como oficiais (148 mostras), paralelas (13 mostras) e itinerantes (7 mostras)²¹, a maioria se enquadra entre as mostras oficiais, sendo que as itinerantes se referem às parcerias do MON como promotor de arte e não apenas receptor. A principal delas leva a obra de Bruno Lechowski (1887-1941) ao exterior, num itinerário que passa por Londres, segue para Varsóvia, Cracóvia e Berlim, findando o percurso com a exposição no próprio museu no início de 2006.

Já as mostras paralelas, além das que se referem à produção local ou do acervo, uma delas em nível internacional e outras três nacionais, são eventos promovidos por outras instituições de cunho particular ou atividades desenvolvidas pelo educativo do museu, como o 2º Festival Internacional de Humor Gráfico, o concurso de *design* promovido pela Masisa e as exposições de Tarsila do Amaral e "objetos" de José Rufino.

No quesito linguagem, o MON privilegia exposições de arte, variando entre pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia e arte contemporânea. No caso das internacionais, 9 são de pintura, 11 de arte contemporânea e 7 de fotografias. Dentre elas, a mostra de arte contemporânea com obras dadaístas e surrealistas pertencentes à Coleção Vera e Arturo Schawarz do Museu de Israel, expostas no MON e no Instituto Tomie Ohtake e a Coleção Pier Paolo Cimatti, da Itália, que exhibe gravuras de Picasso,

¹⁹ (VAZ, 2011, p.289).

²⁰ Estanislau Traple, Garfunkel, Viaro, De Bona, Bakun, Poty e Luiz Carlos de Andrade Lima.

²¹ (VAZ, 2011, p.289).

sendo realizada e patrocinada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, com visitação de 34.283 pessoas. Entre as exposições de cunho histórico, a principal delas traz obras e objetos de Tóquio numa parceria entre o Museu de Arte Fuji e o MON, intitulada "Eternos Tesouros do Japão", mesmo sendo uma das únicas mostras com ingresso diferencial pago, ela foi visitada por 62.890 pessoas.

Nacionalmente, o museu mescla uma produção mais clássica com outra moderna. A parceria realizada com o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), juntamente com outras instituições, traz a Curitiba no primeiro grupo, as mostras "Vitor Meireles: Um artista do Império", em 2003, posteriormente, a restauração da pintura realizada por ele conhecida como "Primeira Missa no Brasil", em 2007, que segue do MON para o Museu de Arte de Santa Catarina em Florianópolis, cidade de origem do artista e para Porto Alegre no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Há ainda, as obras de Louis Eugène Boudin pertencentes à Coleção dos Barões de São Joaquim e a mostra "Missão Artística Francesa", que exhibe 77 obras do acervo constituído por mais de 300 trabalhos de artistas responsáveis pela difusão do neoclassicismo no Brasil, dentre eles pintores como Jean-Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay. No segundo grupo, expõe-se Tomie Ohtake e Djanira.

Outros dois parceiros institucionais do MON foram o Museu Imagens do Inconsciente e o Museu Bispo do Rosário, ambos com metas semelhantes, mas com diferente posicionamento político. O Museu Imagens do Inconsciente exhibe obras que superam os estilos e as tendências ditadas pelo campo artístico, ao inserir a arte num processo de cura terapêutica, como a exposição "Imagens do Inconsciente" de 2005, realizada novamente em 2009, que enfatiza a trajetória profissional de Nise da Silveira. O Museu Bispo do Rosário também está localizado num hospital psiquiátrico, o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (RJ) e se define como um museu de arte contemporânea.

O presente artigo elucida algumas das parcerias estabelecidas pelo MON na promoção de bens culturais, e ainda pela reciprocidade entre o acervo e as exposições, revela que tanto a construção do NovoMuseu, quanto à gestão do MON entre 2003 a 2010 extrapolam os limites que circundam o campo da arte e contribuem para a percepção de que sua autonomia é relativa. Logo, a oferta de bens culturais está sob o julgo de outras

esferas de poder, tanto econômicas, quanto políticas.

Considerando que as exposições estão no centro da atividade museológica, a opção de investir numa produção nacional tanto para o acervo, quanto nas exposições temporárias, simboliza uma das estratégias de ação do MON; a outra, enfatiza a produção internacional em vertentes bem variadas. Sobressai a valorização de artistas latino-americanos, via intercâmbio com países como México, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai, Cuba e Venezuela; mas o MON também estabelece boas parcerias com as instituições europeias, a exemplo da França, Espanha, Alemanha, Itália e diversifica com obras vindas de Jerusalém, China e Japão.

A respeito do acervo permanente, o MON amplia sua coleção por meio de doações dos artistas vinculados às exposições temporárias, o que, de certa forma, confirma a fragilidade da política de aquisição de bens culturais do Estado, que assim como o acervo inicial do MAP, é constituído por doações ou outras categorias que denotam que o investimento é individual, marcado pelo interesse pessoal de cada artista em se projetar no cenário artístico. No que tange ao perfil imagético do acervo, a ênfase recai sobre a produção nacional inserida na linguagem da arte moderna, cuja meta foi nacionalizar o MON, implícita no mistério sobre a composição do seu acervo e na omissão da origem das obras que ocasionaram o fechamento do MAP, uma vez que o MON, nessa gestão, investe pouco na produção dos artistas locais.

Mesmo que o interesse do MON não tenha sido desenvolver uma política curatorial e assim atender aos interesses de uma elite cultural atuante no Paraná, pontuam-se as causas da representatividade do MON desde sua abertura até 2010, cuja visitação não está condicionada exclusivamente ao seu acervo artístico. A produção artística vinculada ao acervo e as mostras temporárias representam a “alta cultura”, se neste aspecto o museu simboliza um espaço de distinção, por outro lado o Estado ao desenvolver políticas de acesso ao museu projeta-o como um local democrático, o que se comprova pelo índice de visitação que em 2009 atinge praticamente 190 mil visitantes, incluindo o público mediado pelo educativo. O público vivencia o MON como um espetáculo artístico, o dentro e o fora interligados, condizente com a sociedade teorizada por Debord (1997, p. 14), em que as relações sociais na atualidade são intermediadas por imagens espetaculares.

Portanto, a popularidade do museu resulta de investimentos realizados pelo governo do

Estado via Lei Rouanet, tendo como parceiros potenciais a Copel, a Caixa Econômica Federal, a Petrobrás e a Sanepar, que trazem um repertório diversificado de exposições internacionais e nacionais, além do apoio de várias instituições culturais que, juntamente com o MON, apresentam ao público uma multiplicidade de linguagens, tendências e estilos artísticos, incluindo as mostras de cunho histórico e outras temáticas como *design*, arquitetura e fotografia. Somado, ao plano de divulgação articulado pelo museu ancorado por várias iniciativas, tais como, divulgação em diferentes mídias (*internet*, jornal, rádio e TV), publicações de suas atividades vinculadas à revista do museu, confecção de catálogos das exposições, juntamente com a sua comercialização por preços promocionais, edições de cartilhas educativas distribuídas para as escolas e desenvolvidas em parceria com o setor educativo.

Referências

- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HERKENHOFF, P. *Museu Oscar Niemeyer: 2003 a 2007*. Curitiba: MON, 2008.
- MON. *Chromiec*. Curitiba, set. 2003. Fôlder de exposição.
- MONTANER, J. M. *Museus para o século XXI*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.
- VAZ, A. *O Museu Oscar Niemeyer e seu público: articulações entre o culto, o massivo e o popular*. 377f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.